



PRODUÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS NA SALA DE AULA: UMA ABORDAGEM ACERCA DOS ASPECTOS ÉTNICO-CULTURAIS DO NORDESTE.

CARNEIRO, Ana Paula Lima - UEPB¹
OLIVEIRA, Tarcia Camila Gonçalves de - UEPB²
FERNANDES, Eliene Alves - UEPB³

Subprojeto: Letras – Língua portuguesa

Resumo

O projeto que ora se relata, foi desenvolvido como parte integrante do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) financiado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Foi desenvolvido na Escola Estadual Obdúlia Dantas, localizada em Catolé do Rocha - PB, com a participação dos alunos do 2º ano do Ensino Médio. Tivemos como objetivo despertar o interesse para a produção de texto, através do desenvolvimento da escrita dos alunos. Utilizamos um aporte teórico centrado em: Arantes (1982), Bazerman (2005), Bezerra (2007), Dolz, Noverraz e Sheneuwly (2004), Cunha (2007), Marinho & Pinheiro (2012) e PCNsEM (1999), entre outros. O referido projeto proporcionou aos discentes uma reflexão crítica acerca dos discursos que estereotipam o povo nordestino, de forma a promover um crescimento crítico. E através da prática da reescrita os textos elaborados foram aprimorados, e os alunos puderam reconhecer a importância do texto escrito para a construção de ideias. Acreditamos que a utilização da sequência didática nas aulas de produção textual enriqueceu a escrita e a capacidade crítica dos estudantes.

Palavras-chave: Produção de texto. Gêneros Textuais. Cultura nordestina. Sequência didática. Reescrita.

¹ Bolsista do PIBID de Português e aluna de graduação em Letras do *Campus IV* da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba). Sítio Cajueiro, s/n, Zona Rural, Catolé do Rocha - PB, CEP: 58884-000. *E-mail:* anapaulalimaf2@hotmail.com.

² Bolsista do PIBID de Português e aluna de graduação em Letras do *Campus IV* da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba). Sítio Cajueiro, s/n, Zona Rural, Catolé do Rocha - PB, CEP: 58884-000. *E-mail:* tarciaamiladeoliveira21@hotmail.com.br.

³ Professora Doutora do Departamento de Letras e Humanidades e Coordenadora de Área do PIBID de Português do *Campus IV* da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba). Cajueiro, s/n, Zona Rural, Catolé do Rocha - PB, CEP: 58884-000. *E-mail:* ajlnalves@hotmail.com

Introdução

O presente projeto teve como objetivo fazer com que os alunos refletissem sobre a importância da cultura nordestina. Tivemos como intenção despertar o interesse dos alunos pelos valores culturais desta região, respeitando, sobretudo, as diferenças existentes de região para região, como também, perceberam os preconceitos existentes em relação à linguagem, à cultura e à ideologia do povo nordestino, obtendo assim um pensamento mais crítico acerca do referido assunto. Isso foi posto em prática através da produção de gêneros textuais, como o artigo de opinião. Além disso, trabalhamos também o gênero *cordel*. Tivemos como objetivos específicos desenvolver a escrita dos estudantes; para tanto utilizamos como base um sequência didática de acordo com as concepções de Dolz, Noverraz e Sheneuwly (2004), para conseguir um maior aprimoramento dos textos.

Este trabalho encontra-se organizado em três capítulos: o primeiro, intitulado “O ensino de língua portuguesa na perspectiva dos gêneros textuais”, refere-se às aulas de português com novos paradigmas e estratégias de produção de texto; no segundo, “Os gêneros textuais em sala de aula”, abordamos a definição de gêneros textuais, focalizando a importância de se trabalhar os devidos textos em sala, ou seja, a relevância do conhecimento dos mesmos pelos alunos. O Terceiro e último capítulo “O ensino de produção do texto” foi dedicado às aulas de produção de texto. Neste tópico exibimos as temáticas discutidas nas aulas para a produção do texto e o percurso metodológico que utilizamos para esta finalidade. Apresentamos todos os procedimentos necessários para que os alunos pudessem partir para a escrita do gênero abordado; enfatizamos o valor dos gêneros discursivos na vida dos estudantes e a sua funcionalidade para a defesa de suas opiniões e seus direitos referente à sua cultura; desenvolvemos a sequência didática utilizada durante as produções de textos, enfatizando o valor da reescrita dos textos, e a importância de se trabalhar com atividades de revisão e refacção dos textos.

O ensino de língua portuguesa na perspectiva dos gêneros textuais

Sabe-se que o ensino de língua portuguesa, por muito tempo, baseava-se em levar aos alunos o conhecimento de regras gramaticais. Felizmente isso veio mudando ao longo dos anos, pois é necessário levar em consideração os vários aspectos que envolvem o processo de ensino-aprendizagem, como: sócio-político, cultural, linguístico, dentre outros. Aprendemos quando entramos em contato com outros grupos sociais, visto que de acordo com a visão de

Bezerra (2007, p. 38) “[...] o homem transforma e é transformado nas relações produzidas em uma determinada cultura”.

O ensino através dos vários gêneros textuais discursivos faz com que evolua a competência comunicativa dos estudantes, desenvolvendo assim a aprendizagem dos mesmos. Portanto, a utilização dos gêneros textuais na sala de aula é de fundamental importância. Segundo Schneuwly e Dolz (2004, p. 1) *apud* Bezerra (2007, p. 41) o gênero “[...] é utilizado como meio de articulação entre práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente, no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos”. Nesse sentido, não devemos apenas nos preocupar com a forma do texto, mas também com a função comunicativa e interacionista do referido gênero. De acordo com os PCNsEM (1999, p. 138) “A língua situada no emaranhado das relações humanas, nas quais o aluno está presente e mergulhado. Não a língua divorciada do contexto social vivido”, pois, dependendo do contexto, a linguagem varia. Portanto é necessário trabalhar o ensino de língua portuguesa através das necessidades de determinada sociedade, levando em consideração a idade, o gênero, a posição social entre outros, ou seja, em uma dimensão dialógica. Desse modo, compreende-se a sua funcionalidade; o educando compreenderá que ele pode tomar posse da língua para atuar com autonomia. Ele ganha voz e pode expressar seu ponto de vista, seus anseios e sua ideologia, atuando como sujeito presente na sociedade e compreendendo melhor como a língua está presente no seu dia-a-dia. Um dos procedimentos primordiais para o ensino é:

[...] liberar a expressão da opinião do aluno, mesmo que não seja nossa, permite que ele crie um sentido para a comunicação do seu pensamento. Deixar falar/escrever de todas as formas, tendo como meta organização de textos. (BRASIL, 1999, p. 143).

Portanto, o ensino de língua portuguesa deve ser fundamentado no uso do texto em todas as atividades, com o propósito de fazer com que os alunos possam adquirir suas competências linguísticas e comunicativas. Fato esse observado durante as monitorias, ou seja, podemos entrar em contato com as práticas da sala de aula e, assim, conseguimos estabelecer uma relação entre teoria e prática. Percebemos que o professor deve repassar os conteúdos de maneira interativa, por meio de discussões, levando em consideração a opinião do aluno e o contexto em que o mesmo encontra-se inserido. De acordo com Azevedo e Tardelli (1998, p. 26) esse “é o momento em que o conteúdo circundante permeia o tema

central estudado, configurando um cruzamento de vozes que caracteriza o processo de interação/interlocução entre professor/aluno, aluno/aluno”.

Acerca dos gêneros textuais, os PCN do Ensino Médio trazem a seguinte afirmação:

Os gêneros discursivos cada vez mais flexíveis no mundo moderno nos dizem sobre a natureza social da língua [...]. A funcionalidade dos discursos estipula como e o que dizer [...]. A importância de liberar a expressão da opinião do aluno, mesmo que não seja a nossa, permite que ele crie um sentido para a comunicação do seu pensamento. (BRASIL, 1999, p. 143).

Tendo como elemento fundamental na vida do aluno e o que condiz sua realidade, os gêneros discursivos são de suma importância para que os alunos possam exercer o papel de integrantes ativos na sociedade. Dessa forma compreende-se a autêntica funcionalidade do ensino de gêneros textuais. Para isso deve haver diálogo entre corpo docente e discente, unindo as diversas vozes do discurso oriundas de todos o que fizeram parte desta troca de ideias. Assim haverá uma formação crítica nos mesmos, proporcionando-lhes uma escrita com ideias mais maduras e organizada.

Os gêneros textuais na sala de aula

Iniciaremos este tópico atentando para as concepções de Marcuschi (2005, p. 19) visto que ele apresenta uma definição coerente para gêneros textuais ao dizer que os gêneros textuais “são entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa”. Em outras palavras, estão presentes em toda parte, a todo o momento estamos utilizando os gêneros para podermos interagir no meio social. Portanto os mesmos estão veiculados à vida social e cultural das pessoas. Segundo Bakhtin (2010, p. 262) “A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana”, sendo que deve ser priorizado para utilização em sala de aula os gêneros do discurso, ou seja, aqueles que provocam o aluno a dar sua opinião, interagir em sala de aula, contribuindo assim, no desenvolvimento do pensamento crítico dos referidos estudantes.

O ensino dos diversos gêneros é de suma importância, pois como afirma nos PCNs (1998 p. 24) “[...] a produção oral e escrita, de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. [...]”. Portanto, o ensino dos diversos gêneros, bem como a leitura desses diversos textos é

muito importante, mas deve-se levar em consideração como eles são veiculados na vida social e cultural dos estudantes. No que diz respeito ao literário, como foi utilizado em ambos os projetos, [no de 2012 como no de 2013], os alunos conhecem muitas informações sobre as épocas em que foram escritos, sobre a linguagem utilizada pelo autor, dentre outras informações.

A literatura nos mostra a beleza das palavras e das combinações de palavras, expressando sentimentos e emoções. Nesse sentido, o professor deve mostrar aos seus alunos que a literatura é algo especial, de leitura fácil e prazerosa, que não exige tantos esforços nem apresenta grandes dificuldades. A literatura nordestina, na sua especificidade, traz consigo a linguagem autêntica da região, exhibe as palavras mais usadas no cotidiano que identificam o caráter popular da cultura e expressam os anseios de um povo e suas aspirações, constituídas com o tempo no processar de seus valores. Como afirmam Marinho & Pinheiro (2012, p. 15), “[...] um ponto de partida para o trabalho com a literatura: pensar com os próprios alunos sobre estas experiências de alegria que nascem dos *lábios* que narram que encenam que protestam que dão voz e corpo aos sonhos e emoções”.

No que diz respeito ao trabalho com texto, afirmam os PCNSEM:

A unidade básica da linguagem verbal é o texto (*a palavra falada ou escrita*), compreendido como a fala e o discurso que se produz, e a função comunicativa, o principal eixo de sua atualização e a razão do ato linguístico.

[...]

O processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa deve basear-se em propostas interativas língua/linguagem, consideradas em um processo discursivo de construção do pensamento simbólico, constitutivo de cada aluno em particular e da sociedade em geral. (BRASIL, 1999, p. 139. (Grifo nosso))

Entende-se a precisão de uma construção ideológica sobre determinado assunto abordado em sala de aula. Portanto, o diálogo se faz necessariamente presente para uma posterior confecção de um texto especificamente em relação ao artigo de opinião, que foi trabalhado nos projetos. Faz-se necessário, também, a acumulação e dados preexistentes sobre a determinada temática e uma discussão coletiva em sala, entre o professor e todos os alunos presentes. Desse modo, a oralidade, do ponto de vista de relações discursivas, confronta-se e completa-se para uma possível confecção textual com êxito. Assim, o ensino dos diversos gêneros é de suma importância, mas deve-se levar em consideração como eles são veiculados na vida social e cultural dos alunos, no que diz respeito aos conteúdos que os mesmos abordam. Segundo Bazerman (2005, p. 106) “Cada pessoa, através da comunicação por

gêneros textuais, aprende mais sobre suas possibilidades pessoais, desenvolve habilidades comunicativas e compreende melhor o mundo com que está se comunicando”.

No caso do artigo de opinião, trata-se de um gênero que faz com que o educando desenvolva a sua competência discursiva e, por isso, a sua utilização tem a intenção de construir a cultura dentro do aluno, fazendo com que ele defenda o seu ponto de vista em relação à temática. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998), o objetivo da prática de produção de textos é o de formar escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes. Exercendo as devidas etapas, o diálogo coletivo, apreensão de dados, a compreensão do contexto da situação sobre a temática abordada, a tendência é atingir todos esses pontos essenciais de coerência, coesão e função do texto para a construção de conhecimentos que não só está restrita à escola, mas que consegue atingir com eficácia o mundo social como todo.

Além do artigo de opinião, trabalhamos com a leitura e produção do gênero literário cordel. Abordamos nos cordéis temáticas presentes na cultura nordestina como a visão popular da figura de Lampião e o cantar o nordeste de Luiz Gonzaga. No entanto, sabemos que, muitas vezes, a literatura popular é deixada de lado, ou seja, muitas vezes é deixada como segundo plano nas aulas de literatura. Convém que os docentes tragam leituras que estejam próximas da vida social dos estudantes, pois, não se deve descartar o que o aluno vivencia. O ensino de literatura na sala de aula tem por base o estudo do contexto histórico, as características das escolas literárias e a utilização de resumos para trabalhar determinada obra. Com o desenvolvimento deste projeto, tivemos como propósito incentivar os alunos para praticarem o ato de ler; não intencionamos trazer para a aula uma literatura com o único propósito de o aluno conhecer superficialmente uma obra literária pra a finalidade de obter nota; a literatura deve ir além, é preciso senti-la, compreendê-la, refleti-la. Certamente a leitura destas obras não serão facilmente esquecidas da memória dos alunos e sentirão prazer em ler.

Segundo Cunha (1998, p. 47):

[...] sabemos que a leitura é uma forma ativa de lazer [...]. Seria, pois, muito importante que a escola procurasse desenvolver no aluno formas ativas de lazer – aquelas que tornam o indivíduo crítico e criativo, mais consciente e produtivo. A literatura teria papel relevante neste aspecto.

Utilizamos a literatura de cordel, esporadicamente estudada pelos alunos; não levamos em consideração apenas a sua estrutura, como quantidade de estrofes; consideramos o

seu enredo, ou seja, a qualidade das informações nele exposto, visto que é necessário buscar trazer sempre para os estudantes ferramentas que despertem o interesse pela leitura e escrita. Nesse sentido, trouxemos o “cordel”, abordando o tema “cultura popular”.

É necessário discutir as origens desse gênero, por onde permeia, as ideologias que estão inseridas nas linhas de seus versos, sua funcionalidade em nível sociopolítico, a linguagem que é utilizada e a que classe social, cultura e região ela corresponde. Nas palavras de Souza (2012, p. 54, acréscimo nosso) “[...] o cordel [...] (é) uma literatura viva, intimamente ligada com a cosmovisão popular, do que decorre sua condição de chave para o entendimento da própria identidade nacional”. A literatura popular passou um bom tempo repudiada, o povo brasileiro não a conhecia e a desprezava (SOUZA, 2012), sendo que, isso vem mudando; o cordel tem, a cada dia, tomando seu espaço em sala de aula.

Sabe-se que o cordel surgiu por meio do hábito de contar histórias que, com o passar dos anos, passaram a ser escritas e posteriormente impressas. Os folhetos de cordel foram uma das produções poéticas mais resultantes de transmissão oral do Brasil. Segundo Diegues (1975, p.3), a literatura de cordel “está relacionada ao romanceiro popular, a ele se liga, pois se apresenta como romances em poesia, pelo tipo de narração que descreve”.

Antes de solicitarmos a produção de texto, primeiramente apresentamos como surgiu o cordel, suas características estruturais, as estrofes, os tipos de rimas, etc. Por se tratar o cordel de uma composição oral/escrita as dramatizações são relevantes, para que os alunos compreendam nestas experiências e sintam a tradição oral, como também obterem gosto de recitarem as obras da literatura de cordel. Utilizamos as seguintes obras literárias: *A chegada de Lampião no Céu*, de autoria de Rodolfo Coelho Cavalcante e *A chegada de Lampião no inferno*, de autoria de José Pacheco da Rocha. Foram utilizados também dois filmes: *O Auto de Compadecida*, produzido por Guel Arraes e *Gonzaga de pai pra filho*, dirigido por Breno Silveira, como suporte teórico para apreensão de dados produzidos e para o conhecimento de obras que se tornaram relevantes para a região por se tratar de aspectos pertencentes a ela. Foram elucidadas discussões acerca dos dois filmes identificando características para que os alunos pudessem compreender a dimensão cultural que essas obras alcançaram em torno do universo artístico brasileiro já que esses filmes demonstram a essência da tradição popular. O cordel possui uma vasta opção de gêneros literários inseridos no mesmo, como o romance, a farsa, epopeia, dentre outros gêneros que nos dão a liberdade de encenações. Desta forma a leitura não se torna enfadonha, e os estudantes tomam conhecimento sobre a arte tradicional da oralidade, a arte teatral e a arte literária popular.

Nos dois projetos, trabalhamos com o gênero textual artigo de opinião, que é texto de caráter argumentativo e possui uma dimensão social considerável. Geralmente é por meio deste gênero que são abordados, em sala de aula, as temáticas polêmicas da sociedade, sendo que é por meio deste que os alunos expressam o pensamento crítico. Percebe-se que, através da produção do referido gênero, os estudantes tornam-se suficientes a intervir socialmente em favor de seus direitos, sua ideologia.

Segundo Antunes (2006, p. 46) “Quem escreve, na verdade, escreve para alguém, ou seja, está em interação com outra pessoa. Essa pessoa é a medida, é o parâmetro das decisões que devemos tomar acerca do que dizer, do quanto dizer e de como fazê-lo”. Considerando que a escrita tende ter uma intenção e um destino, um artigo de opinião se destina a uma pessoa que esteja engajada à mesma temática polêmica e que possui um ponto de vista distinto ou igual ao do emissor ou, por vezes, encontra-se indeciso. Compreende-se, então, que, ao escrever, deve-se ter noção do destino deste gênero concordando com uma intenção principal, como a de persuadir o leitor, sendo a discussão um fator necessário para a produção do texto, visto que, para se produzir o mesmo é necessário ter uma situação problema. No desenvolver dos textos, o aluno vai apresentar a sua opinião através de argumentos que convença o leitor a respeito da ideia abordada. Como é comprovado pela definição de Boff et al (2009, p. 3) “O artigo de opinião é um gênero textual que se vale da argumentação para analisar, avaliar e responder a uma questão controversa”.

O ensino de produção de texto

A produção de texto proporciona aos estudantes a possibilidade de descobrir suas próprias capacidades, veiculadas às experiências vividas no mundo e na sociedade. Considerando que o texto é um meio de socialização e insere o aluno às práticas comunicativas presente nos grupos sociais a que pertence, como também passar a ser integrante de outros grupos por meio de sua capacidade de comunicação escrita, o aluno vai alcançando outros contextos, ou seja, ampliando sua visão de mundo. A leitura também implica este processo da capacidade escrita, assim como a interação com a sociedade promove este êxito ao escrever. A reescrita é sumamente importante; é neste caso que o aluno repensa o que escreveu, reparando todos os problemas ortográficos. Em outras palavras, ele analisa seus próprios argumentos. Portanto, o auxílio do professor é de extrema importância em todos esses reparos. Nessas atividades de refacção, ler para o professor e para os colegas faz com que as ideias e reflexões sejam construídas e, desta forma, o aluno realize o

procedimento de reescrita baseada no diálogo, oferecido pela comunicação oral, na cultura, por meio de fontes como livros, meios eletrônicos de comunicação. Assim absorve um suporte teórico como base consistente para uma boa escrita.

Como citado anteriormente os alunos produziram durante o projeto artigos de opinião e cordéis e, em todas as produções, foram feitas discussões para que pudessem fazer novamente os textos. No início, foi percebido certa dificuldade, tanto por parte dos estudantes como por parte das bolsistas. A princípio eles estavam se negando a escrever, então procurou-se um meio alternativo para poder motivá-los: recorremos a uma aula dinâmica, com a utilização de vídeos com a opinião de outras pessoas acerca dos assuntos abordados nas produções, como também procurando ouvi-los, visto que muitas vezes o professor inibe os alunos, não deixando expressarem os seus pensamentos, ou seja, foi valorizado o pensamento dos alunos.

É sabido que muitas vezes falta motivação para que os alunos produzam, pois na maioria das vezes se negam a escrever, não valorizam o que pensam, fazendo muitas vezes com que os professores fiquem sem perspectivas sobre como ensinar redação. O ideal é que se faça presente às práticas frequentes de leitura, com o propósito de construir no aluno a capacidade de compreender e questioná-lo, pois como afirma Pietri (2009, p. 18) “A relação leitor-texto é questionar que conhecimentos o leitor deve ter para compreender um texto e como esses conhecimentos são usados no momento da leitura”. Em outras palavras, o aluno vai constituindo um significado do seu texto por meio do ato de ler. Nesse sentido, torna-se indispensável que o educando tenha contatos com diversos textos dos mais variados gêneros. Convém lembrar que, para o aluno produzir bem o artigo de opinião e o cordel, é fundamental que possa atribuir sentido ao que está lendo, para posteriormente produzir, para que desenvolva o pensamento crítico favorecendo, desta forma a confecção do texto. Para isso os alunos não devem limitar-se somente a um único material, como é comprovado nas palavras de Dolz e Sheneuwly (2004, p. 96) deve-se “oferecer um material rico em textos de referência, escritos e orais, nos quais o aluno possa inspirar-se para suas produções”.

As atividades de produção devem consistir em um trabalho todo planejado e organizado; devem ser trabalhadas as dúvidas mais frequentes na hora da produção, envolver várias etapas: discursos, primeira escrita. Em seguida efetuação de atividades de revisão dos textos; em um terceiro momento, a produção final. Essa sequência foi utilizada tanto na produção dos artigos como na confecção dos cordéis, sendo que, na finalização dessas atividades, os cordéis confeccionados pelos alunos foram expostos na escola, resultando em

uma crença maior, por parte dos alunos em suas capacidades de produção.

Durante as produções utilizamos uma sequência didática com base nas concepções de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Para eles, a escrita de qualquer texto deve ser de maneira gradativa, em outras palavras, com todo um processo envolvendo diferentes etapas. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97) afirmam que a sequência didática "[...] é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito sendo que, deve ser iniciada com a apresentação da situação, e a modalidade de uso da língua, se vai ser oral ou escrita." Depois de ser apresentada a situação e feitas discussões acerca de determinado assunto, partiu-se, então, para a primeira produção, que teve como objetivo identificar. Nessa etapa, os alunos conseguiram todas as instruções do professor, identificando todas as capacidades que os mesmos já dominam. Como afirmam Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.101) nessa primeira escrita "[...] permite circunscrever as capacidades de que os alunos já dispõem e, conseqüentemente suas potencialidades". E para que esse trabalho seja realizado e os estudantes possam produzir é importante de acordo com Bezerra (2005, p.214): "[...] tratar de tema do interesse dos alunos [...]". Sendo necessário que antes o professor tenha tomado conhecimento acerca do suporte do gênero em estudo, levando para sala de exemplares dos mesmos nos seus devidos suportes textuais. Em seguida, vem uma série de atividade de revisão dos textos que são divididas em módulos e buscam minimizar todas as dificuldades identificadas na primeira escrita, fornecendo elementos necessários para um bom texto na produção final. Nessa fase trabalha-se com a reescrita dos textos; é nesta etapa que serão feitos os últimos retoques. Nesse sentido, na produção final, os alunos vão pôr em prática tudo o que aprenderam durante os módulos, através da refacção das produções. Segundo as concepções de Oliveira (2009, p. 88): "Essa produção permite ao professor avaliar se os elementos trabalhados nos módulos foram aprendidos e, dessa forma, planejar a continuação do trabalho [...]".

Nessa perspectiva, todas as etapas são priorizadas, e a produção do gênero é feita gradualmente. Desse modo fica fácil os educandos perceberem e compreenderem todas as características de um gênero, e entenderem a função do mesmo; devemos, pois, utilizar no processo de produção diversas atividades necessárias. Com isso, podemos afirmar que o trabalho com sequência didática nas aulas de produção textual é de suma importância, visto que o aluno vai compreendê-lo melhor e, conseqüentemente, terão uma aprendizagem mais significativa.

Demonstração da sequência didática utilizada em sala de aula com base em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004):

I- Apresentação da situação

- a) Definição da modalidade: (Oral/escrita).
- b) Escolha do gênero:
- c) Trazer exemplares do gênero textual.

Objetivos:

O objetivo é fazer com que os alunos tenham primeiro contato com um gênero, lendo para poder compreender as características estruturais desse.

II- Escolha do tema

- a) Identificação de temas que suscitam a construção de argumentos.
- b) Busca de informações sobre o tema.
- c) Identificação de Contra-argumentos

III- A primeira produção

- a) Construção de um esboço.
- b) Planejamento do texto.
- c) Apresentação da situação de comunicação (o suporte, os destinatários).
- d) Realização do texto.

IV- Atividades de observação e análise dos textos

- a) Análise e refacção dos textos
- b) Os últimos retoques: a revisão dos textos

V- A produção final

- a) Produção do texto

Buscamos trazer para a sala de aula, temáticas que correspondessem à vida social dos estudantes, como preconceito, tema de bastante repercussão, considerando as visões que as pessoas de outras regiões possuem acerca da cultura do povo nordestino, os preconceitos relacionados à maneira de falar, etc. Apresentamos para os alunos o quanto as pessoas desta região são importantes, ou seja, figuras talentosas, muitos escritores como, José Lins do Rego, Ariano Suassuna, João Cabral de Melo Neto, José de Alencar, Rachel de Queros; humoristas como Chico Anysio, Renato Aragão, Tom Cavalcante; atores como, José Wilker, Marco Nanini, Lazaro Ramos, Wagner Moura; músicos como, Luiz Gonzaga, Chico Cezar, Dominginhos, Zé e Elba Ramalho, entre outros. Para demonstrar o preconceito que existe contra o nordestino, fizemos uso, em sala de aula, do discurso da paulista, estudante de direito, revoltada com o resultado das eleições para presidente, que elegeu a primeira presidenta mulher. Mayara Petruso publicou em seu Twitter a seguinte frase: “Nordestino não é gente. Faça um favor a SP, mate um nordestino afogado!”. Tal discurso gerou muita polêmica e ganhou grande repercussão nos meios de comunicação.

Outra temática tratada foi a visão do povo nordestino relacionada à figura de Lampião. Utilizamos, como base nos cordéis, *A Chegada de Lampião no Céu* e *A Chegada de Lampião no Inferno*, como também muitos vídeos falando sobre a questão de Lampião ser um herói ou anti-herói para o povo do nordeste. Abordamos, também, o posicionamento do cantor Luiz Gonzaga que evidenciava o nordeste em suas músicas, como fonte de defendê-lo e assumi-lo em sua vida de cantor oriundo desta terra. Entendemos que, se levássemos este tema para os alunos, suscitariamos boas discussões, construindo ideias e pontos de vista.

No primeiro tema discutido apresentamos um artigo de opinião, publicado na *internet* por Webster Franklin Farias Santos, no dia 12 de novembro de 2010 em que o mesmo se posicionou acerca do discurso preconceituoso da estudante Mayara Petruso. Levamos vídeos informativos sobre o tema, como opiniões de jornalistas. Durante a produção desse primeiro artigo de opinião os alunos iriam se posicionar acerca do discurso da estudante de direito Mayara Petruso. Dando continuidade, apresentamos textos e vídeos informativos sobre o centenário de Luiz Gonzaga e sobre sua influência na música brasileira. Utilizamos a música “Asa Branca”, de autoria desse compositor comparando com a música “Ai, se eu te pego”, gravada pela Banda Garota Safada. Em seguida, propusemos aos alunos a elaboração de um artigo de opinião, em que eles pudessem destacar a importância da música de Luiz Gonzaga, para a cultura nordestina, refletindo se as músicas da atualidade têm o mesmo apelo das de Luiz Gonzaga tiveram para nossa cultura.

Como já referido, a figura do rei do cangaço também tomou espaço em nossas aulas. Apresentamos diversas informações referentes a uma figura muito temida e admirada pelos nordestinos, sua trajetória de vida, sua condição social, personagem que por alguns foi visto como herói e por outros, como vilão. Em seguida sugerimos que os alunos produzissem um texto, no qual deveriam se posicionar a respeito da figura de Lampião como herói ou anti-herói.

A última produção dos alunos foi um cordel. Apresentamos alguns cordéis, as temáticas abordadas neles, sua origem, alguns autores do referido gênero, sua estrutura. Deixamos a critério dos alunos para escolherem o tema de suas produções, mesmo tendo mostrado os mais frequentes no referido gênero. Lembrando que, antes de trabalharmos com esses textos, definimos e exibimos a formalidade do gênero o qual os educandos iriam produzir, tivemos sempre como intenção que o aluno soubesse argumentar um assunto que pertencem à realidade dele.

Considerações finais

Mediante a execução do projeto, observamos que a prática de produção de texto em sala de aula ainda apresenta algumas limitações, tanto por parte dos alunos quanto dos professores no tocante à dificuldade que os estudantes sentem com a escrita. Acreditamos que essa dificuldade seja resultante da falta de prática como também de orientação docente ao solicitar um texto sem desenvolver o entendimento de suas funções, estruturas, modalidades. A carência de uma sequência didática, que priorize de antemão a problemática, a explicação da modalidade do texto e a escolha e apresentação do referido gênero, implica consequências negativas na produção textual. Pensamos que seria necessária uma discussão prévia sobre a temática abordada, o que suscitaria uma participação mais efetiva das aulas; em seguida sugerir a primeira produção. A partir daí começar uma sequência de atividades de revisão dos textos procurando suprir com todas as dificuldades que possam vir a surgir.

Com o propósito de relacionarmos o contexto cultural do aluno referente à cultura nordestina, com um olhar que a valorize, já que a cultura de seu grupo social deve ser valorizada na escola, é preciso compreender que o Brasil é uma nação de sotaques diferentes, de culturas diferenciadas. Sempre relacionamos os conteúdos em sala de aula com a nossa cultura, fato que contribuiu positivamente na aprendizagem do aluno. Enfatizamos aspectos e efetuamos atividades que atualmente tornam-se indispensáveis para um ensino de qualidade e interdisciplinar.

Trabalhando a cultura nordestina pudemos relacioná-la a múltiplas opções de práticas de ensino, em que o aluno compreenderá como a sua cultura pode servir de base para a aprendizagem nas aulas de gramática, nos gêneros textuais, como o artigo de opinião, gênero de caráter argumentativo. Com essa prática, propiciamos ao aluno oportunidades para manifestar o seu ponto de vista sobre determinados assuntos, formando, assim, leitores/produtores de textos mais críticos, fato que percebemos à medida que experienciamos o artigo de opinião e a literatura de cordel, já que a sua presença é típica e intensa na cultura do nordeste. Sendo assim, a leitura destas fontes providenciará gosto pelo ato de ler, por prazer. Como entendemos que os gêneros textuais proporcionam o aprimoramento da escrita, bem como o amadurecimento ideológico dos alunos em suas práticas, além de proporcionar meios para que estes produzam algo que seja notório para os mesmos, e que esteja relacionado às suas vivências e identidade, a produção de artigos de opinião como também do cordel pelos alunos através da sequência didática com a utilização de atividades de refação

dos textos, foi uma das partes mais importantes deste projeto. Acreditamos que através destas produções enriqueceu-se mais a escrita e capacidade de aprendizagem dos alunos participantes, bem como uma positiva auto-estima, considerando que eles se mostraram mais confiantes em suas potencialidades. Enfim, no que diz respeito aos resultados obtidos, observamos a adesão dos discentes à temática abordada neste projeto; conseguimos atender a todas as nossas expectativas, que se fundamentaram em contribuir, minimamente, para a constituição intelectual e educacional dos alunos, ajudando a transformá-los em cidadãos conscientes e que valorizem as diversidades culturais da nossa sociedade e que saibam interagir nela através da comunicação escrita.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**, São Paulo: Parábola editorial, 2006.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é Cultura Popular**. 3ª edição, – São Paulo: editora brasiliense. 1982.

AZEVEDO, C. B.; TARDELLI, M. C. **Escrevendo e falando na sala de aula**. In: CHIANPPINI, Lígia (coord. Geral). **Aprender a ensinar com textos**. – 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 1998.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos**. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. A. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. – 5. ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

BOFF, Odete M. B.; KÖCHE, Vanilda S.; MARINELLO, Adiane F. **O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação**. ReVEL, vol. 7, n. 13, 2009. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_o_genero_textual_artigo_de_opinioao.pdf>. Acesso em: 31 de jul. de 2013.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da educação, Secretaria de Educação Básica, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. – Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. – Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/ SEF, 2001.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil**: teoria e prática. São Paulo: Ática, 1998.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. **O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião**. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Ana R.; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DIEGUES, Júnior, Manuel. **Literatura de Cordel** - Cadernos de Folclore. Rio de Janeiro: MEC, 1975.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. MACHADO, A. R. (Orgs) **Gêneros textuais e ensino**. 4ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. P. 19-36

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. – São Paulo: Cortez, 2012. – (Coleção Trabalhando com... na escola).

OLIVEIRA, Manoel Edson de. Gêneros textuais e ensino. In: **Dialogia**, v.8, nº 1: São Paulo, 2009.

PIETRI, Émerson de. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

SOUZA, João Batista de. **O cordel como gênero épico**: a construção de herói popular: a saga de lampião. In: MELO, M. C. do vale (Org) **Nos caminhos da literatura**: práticas literárias e culturais. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

XIDIEH, Oswaldo Elias. **Narrativas Populares**: Estórias de nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro Andando pelo mundo. Introdução de Alfredo Bosi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.